



Cena de *Conterrâneos Velhos de Guerra*: saga de trabalhadores no Planalto Central.

# Dois presentes de grego para Brasília

UM LIVRO E UM FILME "COMEMORAM" O ANIVERSÁRIO DA CAPITAL, HOJE.

A capital do País ganha dois presentes pela passagem do seu 33º aniversário, comemorado hoje, dia 21 de abril. Presentes de grego, dependendo do ponto de vista. Sexta-feira estreia em São Paulo o documentário *Conterrâneos Velhos de Guerra*, do cineasta brasiliense Vladimir Carvalho. Até o final da semana, estará nas livrarias o livro *A Cidade Modernista: Uma Crítica de Brasília e sua Utopia*, do pesquisador norte-americano James Holston. Duas obras amargas para quem gosta de preservar mitos fundadores. **Conterrâneos** (veja abaixo) vira pelo avesso a construção da Capital Federal — a saga parece bem menos heróica do que dá a entender o discurso oficial quando vista pela ótica dos cidadãos que moureadaram para levantar os edifícios de Oscar Niemeyer. **A Cidade Modernista** se empenha em desmontar a fantasia de que o urbanismo criado por Lúcio Costa levaria a uma sociedade mais coletiva e igualitária.

Para Holston, Brasília é um mito particular pensado dentro de um mito geral. Mito 1: os planejadores da cidade imaginavam que a revolução no traçado urbano e na concepção dos edifícios produziria uma mudança significativa nas relações sociais. Mito 2: Brasília poderia funcionar como enclave utópico na sociedade de classes de um país do Terceiro Mundo.

Segundo os planejadores, os habitantes de Brasília morariam em edifícios do mesmo tipo, nas superquadras, sem distinção de classes sociais. Freqüentariam o mesmo espaço físico e mesmas áreas de lazer, o que geraria uma forma de convívio mais democrático. O ideal do plano gerou o seu contrário. Gerou-se em Brasília um tipo de segregação social mais perverso do que a das outras cidades brasileiras — cerca de 75% dos 1,6 milhões de brasilienses moram fora do Plano Piloto, nas cidades-satélite.

A análise de James Holston não é novidade para quem mora em Brasília, e muito menos para quem pensa a cidade. José Carlos Coutinho, professor de urbanismo na UnB, diz que os mitos fundadores de Brasília já vêm sendo discutidos há muito tempo. “É inútil dizer que o modernismo erra com a idéia delirante de que uma alteração no espaço físico produz modificações no espaço social. São críticas feitas há pelo menos dez anos”. Segundo ele, a utopia falhou. Foi produto da generosa onipotência de Lúcio Costa. Mas Brasília não é um fracasso total. “A meta de interiorização do desenvolvimento foi alcançada”.

Para Érico Weidle, chefe do Departamento de Arquitetura da UnB, Brasília é prova de que as transformações se fazem na sociedade e pelas pressões do dia-a-dia — e não numa prancheta. “Conversei muito com o Lúcio Costa. Acho que, no fundo, ele sabia que não daria resultado. Mas não po-

dia fazer de outro jeito. Havia a esperança do arquiteto de construir uma sociedade nova. Ele criou o símbolo e a liturgia dessa sociedade, mas apenas isso”, diz.

Frederico Holanda, também urbanista da UnB, é ainda mais cáustico em relação à cidade — e ao livro de Holston. “*A Cidade Modernista* é uma dessas descrições primárias, que não trazem nada de novo e não levam a lugar nenhum”. Para Holanda, Holston esquece o fundamental: o aspecto político presente na concepção da Capital. Segundo ele, Brasília não é uma cidade moderna ou democrática. Ao contrário, cria um tipo de espaço que beneficia a separação entre os agentes sociais e a instância administrativa, isola os diferentes e dificulta o enfrentamento dos conflitos. É pensada sobre um fundo autoritário. “Estruturalmente”, diz, “Brasília é tão democrática quanto Versalhes ou um castelo medieval”.

**Luiz Zanin Oricchio**